

LITERATURA E POESIA INDÍGENA COMO INSTRUMENTO DE PERTENCIMENTO E LUTA

Sonia Maria Pinheiro ¹

Sempre me interessei por histórias, fossem as dos livros, fossem as faladas, contadas de geração em geração. Me fascinava a história da minha família, ainda mais por saber que minha tataravó era indígena, as histórias contadas em nossa família diziam que ela era “índia pega no laço”, e só adulta aprendi que isso foi uma forma de inserção de indígenas na sociedade chamada “civilizada” de modo cruel através de sequestros, estupros e genocídios. Percebo que há um apagamento das nossas origens, nas informações das histórias que nossa família conta não sabemos nem mesmo de que etnia era minha tataravó. Queria saber mais sobre minha origem indígena, mas percebi o quanto ser indígena é também ter suas raízes apagadas, invisibilizadas. Minha formação me permitiu estudar e procurar mais sobre os povos originários, e um sentimento de pertencimento se apoderou de meu ser, mesmo sem saber até hoje a qual etnia pertenciam meus antepassados, me sinto parente dos 305 povos indígenas. Se hoje em dia me perguntam eu digo que sou indígena. Trabalho como bibliotecária em biblioteca municipal e minha principal função é na área de Incentivo à Leitura, com contações de história e mediações de leitura para crianças das escolas públicas da cidade. Tenho relativa liberdade na escolha dos livros e das histórias, então resolvi trabalhar histórias indígenas e africanidades, que são as de origem africanas e afro-brasileiras, de acordo com a Lei 11.645/08, que sempre cito com a crença de que seja cumprida e não tenha o peso de “letra morta” ou de “lei que não pega”. Em 2016, realizei um trabalho de destaque dos livros infantis com essas duas temáticas e hoje temos uma estante separada com esses livros em nossa biblioteca. Quando sou convidada a contar uma história e me deixam livre pra escolher o tema, sempre levo dois ou três livros infantis indígenas e de histórias de origem afro e peço para as pessoas presentes no evento escolherem o que vou contar. Procuo fazer isso em todos os meses do ano, e não apenas em abril e novembro, meses em que a temática será obviamente tratada no dia do índio e dia da consciência negra. Percebo que há um estereótipo quando se trata dessas temáticas, procuro falar da diversidade de etnias, línguas, comidas, mitos, crenças e costumes. Às vezes percebo um estranhamento por parte das pessoas adultas porque acham que essas histórias devem ser trazidas de acordo com as efemérides, mas eu costumo dizer que os povos originários lutam todos os dias para manter viva sua cultura e suas raízes. As crianças sempre se envolvem e embarcam nas histórias, pois elas não carregam preconceitos, elas costumam estar presentes na história, e prestam muita atenção ao que lhes é dito, perguntam e participam com interesse. Conto histórias há duas décadas, mas ser convidada pela Prof. Dra. Maria Silvia Cintra Martins para integrar o grupo LEETRA Indígena e participar desta série especial do Programa “Voz Indígena, uma experiência cinematográfica” foi uma surpresa e uma grande alegria. Participei nas edições dos quatro primeiros programas apresentando livros e poesias indígenas e mediei a participação da artista Daniela Soledade na edição do programa 6. A seguir vemos trechos destas participações.

No programa #1 foi apresentado o livro “Histórias de índio” de Daniel Munduruku, com ilustrações de Laurabeatriz, lançado em 1997. O livro é dividido em três partes: a primeira apresenta um conto munduruku que se chama “O menino que não sabia sonhar”, conta a história de Caxi (que significa Lua). Na noite de seu nascimento, o pajé foi avisado por um sonho que a criança munduruku seria seu sucessor. Para tanto o menino precisaria aprender a sonhar, porque é nos sonhos que estão contidos os

¹Bibliotecária do SIBI - Sistema Integrado de Bibliotecas, da Prefeitura Municipal de São Carlos. Especialista em “Literatura e Outras Linguagens na Educação Infantil.

maiores segredos e os maiores mistérios da vida. A segunda parte do livro chamada “Crônicas e depoimentos”, apresenta um panorama da diversidade de povos e línguas indígenas no Brasil, e é onde o autor alerta sobre o equívoco da palavra “índio”, que carrega estereótipos que nem de longe representam os nossos povos originários. Por fim, o livro traz um glossário da língua, fotos do território munduruku e desenhos de crianças da etnia. Como nos ensina Daniel Munduruku, a resenha se encerra com a saudação “Xipat Oboré”, que significa “Tudo de bom”.

No encerramento do programa #2 foi realizada a leitura do poema “Canção Peregrina” de Graça Graúna, apresentada com uma composição de fotografias de colares indígenas na natureza e uma pequena inserção de uma bonita canção indígena:

<p>Eu canto a dor desde o exílio tecendo um colar de muitas histórias e diferentes etnias</p> <p>Em cada parto e canção de partida, à Mãe Terra, peço refúgio ao Irmão Sol, mais energia e à Irmã Lua peço licença poética para esquentar tambores e tecer um colar de muitas histórias e diferentes etnias.</p> <p>As pedras do meu colar são história e memória são fluxos de espírito de montanhas e riachos de lagos e cordilheiras de irmãos e irmãs nos desertos da cidade ou no seio da floresta.</p>	<p>São as contas do meu colar e as cores dos meus guias: amarela vermelha branco negro de Norte a Sul de Leste a Oeste de Ameríndia ou de Latino-América povos excluídos. Haveremos de continuar gritando a angústia acumulada há mais de 500 anos.</p> <p>E se nos largarem ao vento? Eu não temerei, não temeremos, pois antes do exílio nosso irmão Vento conduz nossas asas ao círculo sagrado onde o amálgama do saber de velhos e crianças faz eco nos sonhos dos excluídos.</p> <p>Eu tenho um colar de muitas histórias e diferentes etnias.</p>
--	--

No programa # 3 foi a vez da apresentação de fotos e a mediação de leitura de trechos do livro “Pés no mundo, coração na aldeia” de Auritha Tabajara, nome adotado por Francisca Aurilene Gomes Silva, escritora indígena cearense, pedagoga da educação diferenciada aplicada em comunidades escolares indígenas e a primeira mulher indígena brasileira a publicar poesia em formato de cordel. Auritha é ativista pelos direitos indígenas e LGBTQIA+ e usa a força dos seus versos rimados para louvar sua ancestralidade, em especial a avó Francisca, anciã de 92 anos, parteira e grande contadora de histórias. Nas palavras de sua avó “as histórias têm asas e cada vez que são contadas saem por aí voando pela imaginação de quem escuta”. E assim suas palavras e de sua neta saem voando grávidas de sabedoria ancestral, quando contadas, cantadas, acompanhadas de danças e maracás. Auritha também é

curandeira e utiliza seus conhecimentos sobre ervas, plantas e rezas, muitas vezes intuídos em sonhos, para ajudar quem precisa, mantendo viva a tradição de seu povo. O livro conta com belíssimas xilogravuras de Regina Drozina em tons de vermelho e preto (que nos remete ao urucum e jenipapo) e foi publicado pela UK’A Editorial. Seguem alguns trechos:

<p>Peço aqui mãe natureza que me dê inspiração Pra versar essa história com tamanha emoção Da princesa do Nordeste nascida lá no sertão.</p> <p>Foi a primeira netinha Da vovó boa parteira Contadora de história; Também grande mezinheira Na região, respeitada Por ser sábia conselheira</p> <p>A menina foi crescendo, Aprendeu a caminhar. Com nove meses de vida Tudo sabia falar. Dizia: “Quando eu crescer, Quero aprender a curar”. (...) Aprendeu a ler na rima. Tudo queria rimar: As brincadeiras e histórias Que ouvia a vovó contar. Com tambor e maracá, De música foi gostar. Conversava com espíritos, Mas ninguém acreditava. Conseguiu fazer remédio Com as ervas que sonhava; Cedinho, no outro dia, As recolhia e plantava. Contava para a vovó Que dizia: “Vá sem medo,</p>	<p>O tempo que vai chegar Desvendará o segredo. Escute, aprenda, pratique, Vai precisar logo cedo” (...) Auritha tinha um segredo Que não podia contar. Somente pra sua avó Se encorajou a falar. Não gostava de meninos, E não sabia lidar. (...) Na sua comunidade, Dispôs-se a alfabetizar As crianças e os adultos, Para assim minimizar Os limites que impediam O seu povo de lutar (...) Hoje, me sinto estudada, Só não pude ser doutora. À luz da ancestralidade, Honro a minha genitora. Ouço seus ensinamentos, Tradições, conhecimentos De uma grande professora. (...) Esta é minha história, Tenho muito pra contar. Feliz eu serei um dia</p> <p>Se o preconceito acabar. Letras são meu baluarte, Revelo com minha arte Um Brasil a conquistar.</p>
---	--

Auritha participou em 2014 da Revista LEETRA Indígena n.4, especial sobre mulheres indígenas, com a história “Jurecê e Arubá de asas coloridas” e o cordel “Toda luta, história e tradição” e segue atualmente nas suas redes sociais utilizando as histórias e os versos em cordel para defender os direitos das mulheres indígenas e difundir a cultura de seu povo. ²

² O número 4 da Revista Leetra Indígena pode ser acessado na aba Revista LEETRA Indígena em: www.leetra.ufscar.br
Leetra Indígena, São Carlos, v. 1, n.18, 2021, p. 22-26.
Número Especial – Programa Voz Indígena – uma experiência cinematográfica
www.leetraindigena.ufscar.br

O programa #4 apresentou a cidade de São Paulo, suas aldeias transformadas em guetos. A participação literária foi a abertura e, corroborando com a lei 11.645, o enfoque literário foi apresentar o livro “Quarto de Despejo: o diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, catadora, mãe solteira de três crianças. O livro relata a realidade dos favelados de 1950 na extinta favela do Canindé, em especial a vida de Carolina, migrante de Sacramento/MG, mulher que sofreu várias camadas da exclusão social, de gênero e racial. Nos relatos deste livro, que nos últimos anos vem sendo leitura indicada para vestibulares de universidades públicas, a personagem principal é a fome. Não há como ficar indiferente perante a miséria de uma mãe que luta para alimentar seus filhos. Carolina é poeta, mulher atemporal, tão atual neste ano de 2021. Seguem alguns trechos que foram lidos:

Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita, a prefeitura é a sala de jantar, a cidade é o jardim e a favela é o quintal onde jogam o lixo.

Eu amanheci nervosa porque queria ficar em casa, mas não tinha nada para comer. Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?

Sonhei que residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de empregada. Acordei, que realidade amarga. Eu não residia na cidade, estava na favela, na lama, nas margens do rio Tietê.

Aniversário da minha filha Vera Eunice, eu pretendia comprar um par de sapatos pra ela, mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização de nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei pra ela calçar. Abluí as crianças, abluí-me e aleitei-me. Quando despertei o astro rei deslizava no espaço. Minha filha Vera Eunice dizia: “Vai buscar água mamãe!”

A favela é o quarto de despejo de uma cidade.

Por fim, no programa #6, convidamos a multiartista Daniela Soledade, do Grandioso Teatro da Mínima Dimensão, para uma participação especial em que ela apresentou uma livre adaptação do livro bilíngue “O sopro da vida”, de Olavo Batista da Silva, Kamuu Dan Wapichana, como gosta de ser chamado. O livro conta com ilustrações de Marcos A. dos S. Viana e Andrea Diogo. A adaptação em teatro de bonecos de papel encanta os olhos e corações de crianças de todas as idades e conta a história do menino Win Dan, que aos quatro anos conheceu as sementes bebês e aprendeu com os pajés a soprá-las para lhes dar saúde. Assim, ele aprendeu que “Algumas sementes vieram das estrelas, outras da água, outras pelo vento e muitas da própria Mãe Terra”, e que coletar e guardar era necessário para a época boa de plantar. Daniela Soledade nos enviou um relato afetivo sobre a participação no programa:

Brasil enlutado e isolado durante a pandemia de Covid. Estou no luto de minha mãe no meu quintal de terra cheirando rapé Kariri-Xocó e fazendo uma semana de fogueiras dedicadas às minhas ancestrais. Moro perto de uma reserva de Cerrado paulista ao qual tenho acesso a pé, cercada de plantações de cana, eucalipto e laranja. Nenhum muro nunca me impediu de ir ver o horizonte. Ele se projeta para cima e vejo as linhas na abóbada celeste. Vejo linhas que sobem bailando na fogueira, como deve ter subido um dia a fumaça do cachimbo de minha avó. “Escute a Terra”, disse o pajé. Ouço-a soprar meu corpo. Sinto minha água que verte para sua arenosa pele de barro sagrada.

Minhas lágrimas são Luto-Luta, sangue dos guerreiros que foram nossos avós e tentaram impedir o avanço colonial que se estendeu como se estende um lençol branco sobre corpos inertes. Nos serpenteantes caminhos digitais, reencontros me fazem chegar ao livro “O sopro da vida” do Filho do Sol, Kamuu Dan Wapichana. No tempo que passo com o livro - que comprei para presentear um amigo curumim que foi meu vizinho e parceiro das fogueiras aos ancestrais - semeio na minha terra a vontade de fazer esta história chegar a outras crianças. Vem um convite de fazê-lo como contação de histórias virtuais. Gravei um vídeo depois de experimentar técnicas simples de teatro de papel. Foi só um ensaio. Mas por circunstâncias virtuosas originárias da comunicação pelas redes virtuais o próprio autor publica meu ensaio no seu Instagram. Minha felicidade é ainda maior quando o vídeo chega a crianças de escolas públicas através de um centro de formação de professores em São Carlos. E que honra quando o vídeo, minha adaptação do livro, circula pelo experimento #6 do Programa Voz indígena. Entendo que a história contada pelo Filho do Sol é uma semente voadora. E então remeto o livro pelo correio ao curumim que deve ser seu guardião.

Estes são os relatos das participações poéticas e literárias no “Programa Voz Indígena, uma experiência cinematográfica” e no grupo de pesquisa LEETRA Indígena. E sigo em busca nos caminhos da ameríndia, do aprendizado e da divulgação dos saberes dos povos originários, com as literaturas e poesias dos povos indígenas em sua diversidade e sua semelhança, o cuidado com a natureza e as crianças, o cultivo da tradição ancestral, o respeito aos mais velhos e às mais velhas e às histórias que contam e que carregam tradições. A resistência ao etnocídio continuado de mais de cinco séculos, a luta constante por seus territórios, suas culturas e sua própria continuidade. Os povos indígenas, suas mulheres e crianças, que sabem da importância da vida na terra, nas águas, no plantio, no cultivo, no aprendizado, nos movimentos, nas danças, nos rituais e nos ciclos. Assim, também aprendemos com os/as ancestrais o respeito aos encantados, aos sonhos, aos modos de ser e sentir a vida e a natureza.

Acredito que lançar histórias, poesias e literatura indígena ao vento é semear, quicá as sementes caíam em terras férteis, pois as palavras são instrumentos de pertencimento e luta. Por fim, acredito firmemente nas palavras de Ailton Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, sobre essas gentes espalhadas pelo mundo, como pequenas constelações que cantam, dançam, fazem chover: “minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isto, estaremos adiando o fim”.

REFERÊNCIAS

- GRAÇA GRAÚNA. Canção peregrina. In: **Antologia indígena**. Mato Grosso: SEC; Inbrapi; Nearin, 2009, 27-28.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- DAN, Kamuu Wapichana. **O sopro da vida**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de Índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- TABAJARA, Auritha. **Pés no mundo, coração na aldeia**. São Paulo: Uka, 2018.